



NÃO É FACIL DIZER BEM

# NÃO É FÁCIL DIZER BEM

*Críticas, obsessões e outras ficções de*  
JOÃO PEDRO GEORGE



L I S B O A:  
TINTA-DA-CHINA  
M M V I

© 2006, João Pedro George e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 33, Loja 8  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: tintadachina@netcabo.pt

Título: *Não É Fácil Dizer Bem*  
Autor: João Pedro George  
Revisão: Tinta-da-china  
Capa: Vera Tavares  
Ilustrações: Diogo Freitas da Costa

1.ª edição: Abril 2006  
ISBN 972-8955-05-7  
Depósito Legal n.º 000000/06

AO MEU SAUDOSO IRMÃO,  
ANTÓNIO MANUEL DE AVELLAR GEORGE (O TÓ)  
À MINHA MUITO QUERIDA CATARINA MIRANDA FREIRE

«A nossa gratidão consiste sobretudo em lhes agradecer por nos terem mostrado aquilo que poderiam ter feito mas não fizeram; aquilo que certamente não conseguiríamos nós fazer mas que sem dúvida não desejamos fazer.»

VIRGINIA WOOLF

Este livro podia bem ser o memorando de um prospector. Ou, se preferirem, o relato de uma exploração por refúgios tranquilos de espíritos túrgidos e despreocupados. Trata-se quem sabe da crónica de um bom número de acções missionárias de purificação.

Surge nele, contudo, um elemento perverso, talvez mesmo inquietante. É uma criatura ávida e sôfrega, escorregadia, importuna e predadora. Um bicho torpedado que chega aonde, quando e como quer, e só no âmago da vítima faz detonar a carga atordoante. Protegido então pelo hospedeiro inerte, embora lúcido, satisfaz-se, sondando com palpos cortantes, dentes afiados, língua intrusa, afastando, unindo, expondo. Terminada a tarefa, chega o momento da retirada. Metódico, procura novo objectivo. Pertinaz, repete a experiência, vezes sem conta, até à exaustão.

E, sendo assim, já não se trata de uma exploração, mas de uma penetração não invasiva, de dúzias de análises e centenas de observações subtis. Só lendo...

CARLOS ATAÍDE

Alguns dos textos incluídos nesta edição foram publicados na revista *Periférica*, outros no blogue *Esplanar*.

## ÍNDICE

### CRÍTICAS

- Não é Fácil Dizer Bem: António Mega Ferreira,  
Possidónio Cachapa, Inês Pedrosa 15
- A Musa (Parada) de Rui Nunes 21
- O Mundo do Pacheco 29
- Estartalhaço e Amnésias: *Cartas ao Léu*, de Luiz Pacheco 34
- Escândalo na Literatura Portuguesa: Os Livros  
de António Lobo Antunes não foram escritos por ele!!! 39
- António Lobo Antunes: A Explicação da Vaidade 44
- António Alçada Baptista: O Inverno da Banalidade 49
- José Eduardo Agualusa: Um Caso Mental Português? 53
- Miguel Esteves Cardoso, *O Amor É Fodido: Dez Anos Depois* 57
- Miguel Sousa Tavares, *Equador* 63
- O Sexo segundo José Rodrigues dos Santos (e não só...) 69
- Bom dia memória: *Bilhete de Identidade*, de Maria Filomena Mónica 79
- Rui Tavares, *O Pequeno Livro do Grande Terramoto* 89
- Gonçalo M. Tavares 93
- Eduardo Prado Coelho: o Escolho do Olhar 99
- O Bebé Prado Coelho 103
- EPC 106
- Pedro Rolo Duarte: a Volúpia do Aborrecimento 109
- Alma*, de Manuel Alegre: Um Livro Espantoso 113
- Manuel Alegre, o Caçador de Citações 115
- António Costa Pinto, o Incessante 118
- Editoras e Críticos Literários: As Jantaradas 124
- A Coutada Literária do *Expresso* 126
- Os Cabelos Arrepiam-se 131

*O Eixo do Mal*, SIC Notícias 134

Javier Marías 140

Crítica *Bulldozer* 144

### OBSESSÕES

Raios e Coriscos! 149

A Metamorfose 153

O Farmacêutico Prodigioso 157

Relax: Ensaio Linguístico e Literário 161

Recordes Mundiais 173

Editoras e Publicidade 178

O Complexo da Tartaruga 186

Arregaçar as Mangas 192

O Coleccionador 197

A Vida Dura: Auto-Retrato (Apócrifo)  
de Manuela Ferreira Leite 203

### OUTRAS FICÇÕES

Maradona e Napoleão 211

Monólogo da Vizinha 214

Monólogo do Taxista 216

Crítica da Razão Pura 223

Crítica da Razão Prática 228

Crítica da Razão de Indolente 232

Crítica da Razão Insultuosa 236

A Decadência das Piscinas 240

O Hábito de Mentir 242

Clube de Vídeo 243

Animais de Estimação 245

Estás com quem? 248

A Comédia Terminou 253

## CRÍTICAS



NÃO É FÁCIL DIZER BEM:  
ANTÓNIO MEGA FERREIRA,  
POSSIDÓNIO CACHAPA,  
INÊS PEDROSA



Passei as últimas semanas a ler autores portugueses: António Mega Ferreira, Possidónio Cachapa e Inês Pedrosa. Escritores de renome no nosso pequeno mundo literário, publicados em editoras consagradas, êxitos de livraria, faladíssimos, aplaudidíssimos. Tinha curiosidade. Supunha que eram bons. Mas enganei-me. Estava iludido. Porque, no fim de contas, isso não é, nunca foi, garantia de qualidade.

Começo com *Amor*, de António Mega Ferreira. Winnie, perto dos 50, e o narrador, com pouco mais de 20 anos, vivem uma paixão que dura cerca de 70 páginas. Ela já viu tudo, já esteve em todo o lado: Tibete, Índia, China, Peru, Quênia, Madagáscar e até mesmo no Woodstock. Ele é labioso, atrevido e ainda acredita «na pureza infinita do amor». Aos dois amantes ouvimo-los discorrer sobre o Mediterrâneo, a caligrafia chinesa, a Revolução Francesa, a teologia solar dos pré-colombianos, as civilizações exteriores, etc. Subitamente, o narrador, implacável, diz: «acusei-a de eurocentrismo». Logo à terceira página de texto, o leitor apanha com o *Quarteto de Alexandria* de Durrell, o sentido do intertexto de Baltasar e os paradoxos de Pursewarden. Depois, até ao final, uma salganhada de referências, ora John Donne em inglês, ora Peter Handke em alemão, mais os améns de Cervantes, Artaud e Rilke.



Quanto a amor, nicles! É artificial, não passa da epiderme. A relação termina em Marraquexe, ficando o leitor com a sensação de que aquele amor nunca existiu. Só voltam a encontrar-se ao fim de vinte anos, pouco antes de Winnie morrer.

Em termos de escrita e de qualidades estilísticas, a falta de imaginação de Mega Ferreira não deixa de ser surpreendente. Sendo uma novela com pouco mais de 70 páginas, é difícil não reparar que na página 9 «o olhar passeava pela sala» e, mais adiante, na página 13, «passeando o olhar à volta». Quando o narrador e Winnie conhecem Samir, um menino de rua de Marraquexe, «era como se estivesse à nossa espera». Vinte anos depois, quando o narrador reencontra Winnie, «era como se estivesse à minha espera», «como se tivesse sido ontem o nosso último encontro». Além disso, o texto está carregado de «sorrisos vagos», «indiferenças vagas», «penumbras indiferentes». Resumindo, fórmulas gastas, ausência de sentido de ritmo, incapacidade de transmitir o mais vago sentimento, afectação intelectual. Não é fácil dizer bem.



Segue-se *O Mar por Cima*, de Possidónio Cachapa. Uma prosa encaracolada, com planos temporais alternados, jogos de arquitectura narrativa que até o leitor mais atento sente dificuldade em acompanhar. Não espanta por isso que haja uma confusão de personagens, quase fantasmas, que não têm qualquer espessura psicológica, logo esquecidos na viragem do capítulo. Conseguimos perceber, no entanto, que há a Manuella (*sic*), de famílias-bem, finalista de arquitectura, alvo de assédio sexual no trabalho. O Ruivo, um polícia com problemas mal resolvidos que seapai-

xona por Manuella. O Xuinga, um delinquente afro-descendente que assalta o Miguelito numa casa-de-banho pública (a cena prolonga-se por quase todo o livro). E pouco mais, além de uma parte da acção decorrer nos Açores, enquanto Manuella e Ruivo vivem na Lapa. Lá pelo meio, sem se perceber muito bem, há sexo, brutalidade policial, ganzas, calão, pedofilia e homossexualidade. Como dizia Jorge de Sena, «não passam de conservas de realidade no azeite dos lugares comuns».

Mas vamos à escrita. Alguém saberá explicar o que é um «abismo preguiçoso»? Ou um «penhasco vulgar»? E as «masmorras do umbigo»? Repare-se em frases como: «o pé numa poça fria, estava um rapaz pequeno» (p. 45); «corpos lançados à lua, como que a subirem planetas à unha» (p. 58); «quando não se nasce com jeito de mãos, fica-se sempre em estado de emaravilhamento perante o manual criar dos outros» (p. 81); só mais esta: «do mar, a terra parece que chega sempre mais depressa do que sim» (p. 213). E depois há foleirices como «curvas de antebraços que se amam», «sorriso moldado entre maços de tabaco», «fumadores que fumam o último trago», parágrafos que começam com «eram oito, as horas, quando...», imprecisões, como chamar batráquio à osga, quando se trata obviamente de um réptil (p. 88), afirmações enigmáticas como «a meia-idade é o limbo do sexo no coração dos filhos» (p. 95); «fechar com chaves a alegria porque imaginamos que os samurais são mais felizes» (p. 128).

As vírgulas são anárquicas, umas entre o sujeito e o verbo, outras tornando a leitura dolorosamente soluçante. Enfim, uma escrita que arranha e que não catalisa a acção, sem causalidade, onde as insinuações, as ambiguidades e as situações estão mal construídas, com a excepção do capítulo onde Manuella e Ruivo se conhecem. Não é fácil dizer bem.



Termino com *Fazes-me Falta*, de Inês Pedrosa. Vasco Pulido Valente, há uns anos (revista *K*, 1992), qualificou a escrita da autora de *A Instrução dos Amantes* de «espécie de prosa poética à “Suplemento Juvenil” do *Diário de Notícias*». Infelizmente, a crítica continua actual. Ou seja, não serviu de emenda à autora.

O livro tem dois narradores, um feminino, outro masculino. Ela morreu subitamente aos 37 anos de gravidez ectópica, «morri com um sem-abrigo perdido no caminho para o meu útero, morri porque o meu corpo decidiu gerar uma vida nova e se enganou». Observa agora, «no longe das nuvens», como «passeante do Paraíso», a vida do seu grande amigo, a curar a mágoa pelo seu desaparecimento. Deputada, responsável pela Comissão Protectora de Menores e pelo Gabinete da Equidade, a nossa narradora queria «limpar o pó à humanidade e persistir na cintilação das almas». Antes, tinha sido professora de História na Universidade, uma feminista assumida para quem «toda a História da civilização fora construída sobre o objectivo sistemático da exclusão das mulheres». Foi aí que conheceu o narrador, um aluno mais velho, reformado de um banco, com dois divórcios em cima. Resolvera voltar a estudar porque «fazia-me falta o sangue das ideias dos outros, o sangue da História do Futuro que escorre nas salas das Universidades, nas margens intranquilas dos livros». Com a morte da amiga, ficou «sozinho. Sozinho com o coração em bocados espalhados pelas tuas imagens. Já não posso oferecer-te o meu coração numa salva de prata».

Em capítulos intercalados, desabafam a saudade que sentem um do outro.

Da escrita pouco se aproveita. É a prosa poética do *DNjovem*. Deixamos aqui alguns exemplos para que o leitor avalie por si: «não há chuva, só o ruído das lágrimas dele. Nunca houve chuva, só as nossas lágrimas, as lágrimas de que fujo, uma vez mais, para o colo espelhento da nossa amizade imanente, moribunda, imortal» (p. 23); «a sombra que eu sou projecta-se no teu corpo e resplandecemos, aura azul no frio da tua madrugada» (p. 42); «vejo-te passar diante deste café (...) em que nunca estive contigo» (p. 89); «procurei o refúgio das pousadas de infância onde nunca estiveste comigo» (p. 91); «a lareira dessa noite antiga da infância crepita dentro da minha lareira sem lume. Dentro da minha lareira que não arde estamos nós dois, observando a lenha que arde nessa noite sonhada da nossa infância comum» (p. 173); «escadas de serviço deste mundo que já conheço, doloroso e confuso» (p. 96). Continuo? Só mais uma frase: «trago-te no riso enterrado, nas lágrimas que me lançaste, escadas de incêndio para a sabedoria da felicidade, na pele escaldada pelo brilho da noite, depois do mar» (p. 35). Neste livro há de tudo. Metáforas e imagens pavorosas: «borro a pintura da cara que não tenho», «tumores do meu entendimento», «coxear da alma», «cavernas do coração», «fechar as portas da dor», «aeróbica interior», «racionar a vida como um chocolate de leite», «sofá com que mobilamos o corredor ventoso da vida». Frases de um mau gosto difícil de qualificar: «porque a gente olhava para ti e via essa coisa transparente e firme, esse nó de sangue, secreções e luz a pulsar como um farol»; «eu não consigo acreditar nas almas abstractas, bolhas de ar discretas arrotadas entre um chá e dois suspiros». Além disso, ambos os narradores parecem sofrer de uma doença psicológica particularmente penosa: ora estamos no domínio da «imaginação de mim», «ficção de mim», «mentira de mim», ora da «verdade de

mim», «náufrago de ti», «esse sonho de ti». Álvaro de Campos requentado? E também há pérolas da filosofia como «o que somos para além do que vamos sendo?», «neste lugar sem lugar», «eu pensava que pensava». Caramba! Não é fácil dizer bem.



## A MUSA (PARADA) DE RUI NUNES

A propósito da última obra de Rui Nunes, *A Boca na Cinza*, deus-me para ir ler os outros livros. De um universo de 14 títulos, li, reli e tresli seis livros, o que perfaz 40 por cento do total. A técnica utilizada foi semi-aleatória: um por ser o mais recente; três porque receberam prémio (*Osculatriz*, PEN Clube de ficção, em 1992; *Grito*, Grande Prémio de Romance e Novela da APE, em 1997; *Rostos*, Prémio da Crítica, em 2001); os outros dois foram escolhidos de olhos fechados, da estante de uma livraria do Chiado (*Cães e Que Sinos Dobram Por Aqueles Que Morrem Como Gado?*). Depois de ter engolido tantas léguas de prosa (tudo somado dá 793 páginas), posso considerar-me licenciado em Rui Nunes. No final, fiquei arrasado, esmagado, alquebrado. Foi um momento dos mais terríveis da minha vida. Rui Nunes pode muito bem incluir-se entre os escritores que melhor castigam a língua portuguesa. Querem saber porquê? Então venham daí.

A esferográfica de Rui Nunes (n. 1946) estreou-se na edição em 1968 com *As Margens*. Na ressaca, portanto, dos jogos de experimentação literária da *Poesia 61* e das incursões do *Nouveau Roman* em Portugal. Eram os tempos do desconstrutivismo dos esquemas narrativos tradicionais, da exploração dos limites da escrita e da ambiguidade das palavras e dos seus significados, da transgressão

# NÃO É FÁCIL DIZER BEM

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT  
E IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,  
SOBRE PAPEL PRINT SPEED DE  
90 GRAMAS, NUMA TIRAGEM  
DE 2000 EXEMPLARES,  
EM MARÇO DE  
2006